



UNIVERSIDADE  
**NOVA**  
DE LISBOA

ISBN: 1646-8929

***IET Working Papers Series***  
No. WPS03/2015

**Nuno Carvalho Araújo**  
(email: [nh.araujo@campus.fct.unl.pt](mailto:nh.araujo@campus.fct.unl.pt))

## **A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes**

**IET/CICS.NOVA**  
**Enterprise and Work Innovation pole at FCT-UNL**  
**Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais**  
Faculdade de Ciências e Tecnologia  
Universidade Nova de Lisboa  
Monte de Caparica  
Portugal

# A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

1

[Re-industrialisation of Portugal in the context of crisis and industrial hegemony of emergent countries]

Nuno Humberto Carvalho Araújo, [nh.araujo@campus.fct.unl.pt](mailto:nh.araujo@campus.fct.unl.pt)

Lisboa 2015

## Resumo

O presente estudo teve como motivação compreender a importância e o papel da indústria para a retoma do crescimento económico de Portugal, integrado num contexto de desindustrialização progressiva nos últimos anos, e a um crescimento da importância e domínio de sectores de produção por parte de países emergentes, associado à crise surgida em 2008. Pretendeu-se enquadrar a problemática a nível nacional e europeu, contextualizando a indústria nacional, apontando as principais causas da desindustrialização e as suas consequências. Identificar os principais actores-chave e a sua participação no processo de reindustrialização. Identificar políticas e instrumentos de fomento da reindustrialização e principais conclusões.

**Palavras-chave:** Reindustrialização, indústria, crescimento económico

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado em 2015 no âmbito da disciplina de “Métodos Interactivos em Participação e Decisão A” do Programa Doutoral em Avaliação de Tecnologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, da responsabilidade da Prof.ª Lia Vasconcelos e Prof. Nuno Videira.

## Abstract

This working paper aimed to understand the importance and the role of Industry for the Portuguese' economic recovery, integrated in a context of progressive deindustrialisation over the last few years, and simultaneously an impressive growth and domain over some production sectors by emergent countries, associated with the 2008 crisis. We intended to analyse this problematic in both national and European levels, bringing into context the national industry, identifying the causes for the progressive abandon of the industry and its consequences. To identify the main stakeholders and their role on the reindustrialization process. To identify policies and instruments contributing to the promotion of this reindustrialisation and main conclusions.

Keywords: re-industrialisation, industry, economic growth

## Índice

Introdução.....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Objectivo e foco do estudo .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Enquadramento .....	5
A evolução da indústria portuguesa .....	5
O processo de desindustrialização.....	5
Reacções à desindustrialização - Participação do Estado e do sector privado .....	10
Políticas para a reindustrialização em Portugal.....	12
Políticas para a reindustrialização em Portugal no contexto da EU.....	13
Conclusões.....	14
Bibliografia .....	19

## Enquadramento

### A evolução da indústria portuguesa

“Os ciclos de crescimento separam nitidamente uma primeira fase de fraco crescimento, até ao início dos anos 50, da fase posterior de grande dinamismo e modernização industrial, com destaque para as indústrias transformadoras, até meados dos anos 70. Segue-se um ciclo negativo até meados da década de 80, durante o qual as indústrias de bens de consumo, com forte peso na estrutura industrial, asseguraram um crescimento mínimo da produtividade num quadro de fortes quebras nas indústrias de bens intermédios e de equipamento. Os últimos quinze anos do século traduzem-se num novo ciclo dinâmico, com alguns sectores modernos da indústria transformadora a recuperarem a liderança, mas já com uma clara tendência de desindustrialização, isto é, de perda de peso da indústria em favor dos serviços na actividade económica e na ocupação da população activa.

As duas fases mais dinâmicas do crescimento da produtividade industrial, 1951-1973 e 1985-2000, coincidiram em grande parte com avanços institucionais no sentido da abertura e integração externas, que se revelaram fundamentais para que a produção industrial se tornasse cada vez mais transacionável internacionalmente. Houve pois, uma evolução positiva da capacidade institucional e da sua internacionalização. A comparação internacional, com ênfase na Europa, relativiza em grande medida a evolução da produtividade industrial portuguesa, mesmo na fase de maior dinamismo da industrialização - anos 50-60.”

Fonte: (Álvaro Aguiar e Manuel M. F. Martins, 2004)

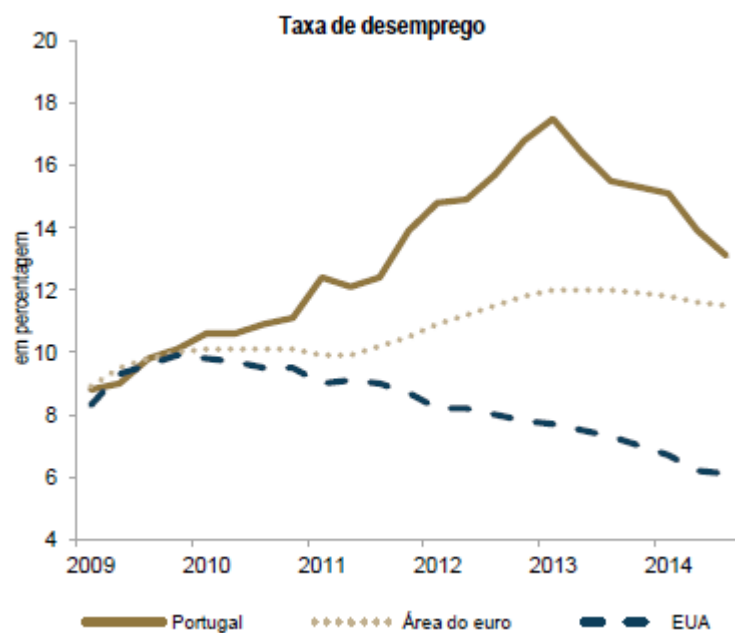
### O processo de desindustrialização

A desindustrialização em Portugal e na maioria dos países desenvolvidos inicia como um processo quase “natural” e até muitas vezes incentivado, o favorecimento do sector terciário em detrimento do sector secundário foi tantas vezes valorizado.

A ideia generalizada que é possível deslocalizar a indústria sem repercussões negativas na economia, acarretou consequências negativas, que aliadas à crise financeira iniciada em 2008 deixaram a Europa e em particular Portugal, numa situação fragilizada. O paradigma tem de mudar. Os principais indicadores não deixam margem para dúvida, algo tem de ser feito. No período 1999-2008, menos 157 mil empregos na indústria. A parte da indústria no valor acrescentado passou de 18,2% em 1995 para 13,7% em 2008.

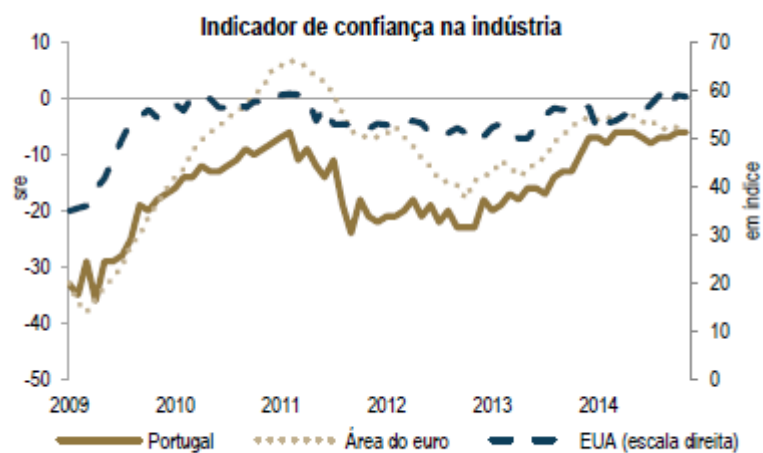
## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

Figura 1



Fonte: Boletim Estatístico – dezembro 2014, Banco de Portugal

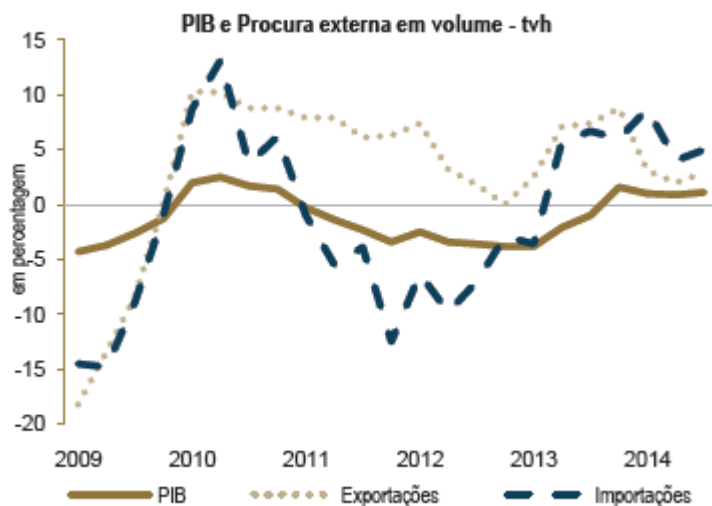
Figura 2



Fonte: Boletim Estatístico – dezembro 2014, Banco de Portugal

## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

Figura 3



Fonte: Boletim Estatístico – dezembro 2014, Banco de Portugal

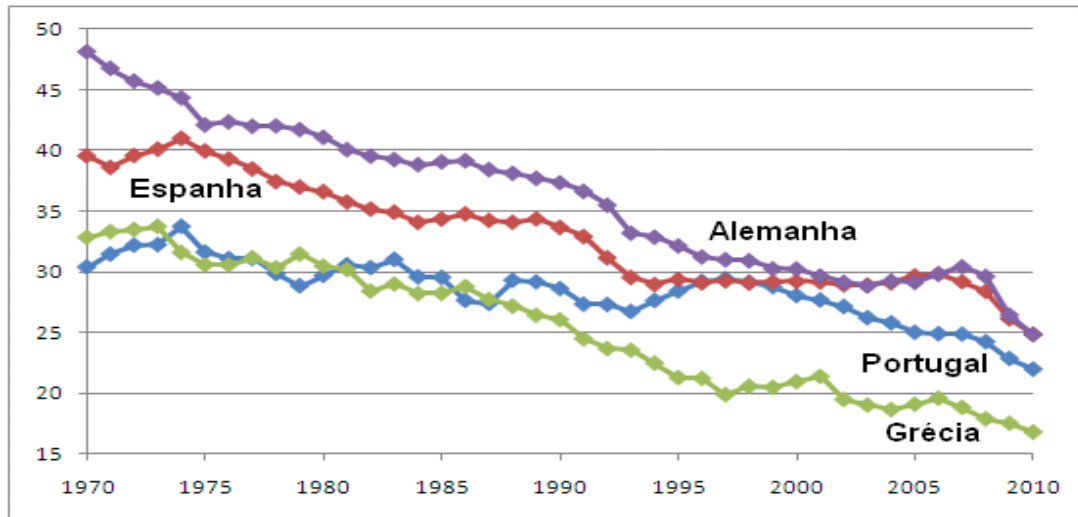
A premissa de que nos países mais desenvolvidos, os serviços têm de ter necessariamente um peso superior na economia do que o sector secundário, já não é assim tão linear.

O aumento verificado na taxa de desemprego nacional é exemplo disso,( Entre 1998 e 2013, de acordo com os cálculos feitos pela Comissão Europeia para este indicador, a taxa de desemprego estrutural passou de 5,2% para 15,2%) para Carlos Costa, Governador do Banco de Portugal a inversão da tendência passa pela aposta nos sectores produtores de bens transaccionáveis: Para o responsável da autoridade monetária portuguesa, a única solução para inverter esta tendência passa “pelo processo de reestruturação da economia e transferência de recursos do sector não transaccionável para o transaccionável”. Isto é, fazer com que os empregos que se perderam em larga escala em determinados sectores possam ser criados e ocupados noutros sectores com mais futuro. Carlos Costa diz que a aposta tem de ser feita no sector dos bens transaccionáveis, aqueles que podem ser exportados ou que concorrem com produtos estrangeiros” (Publico, 06 de Fevereiro 2012). A Europa e no caso em estudo Portugal, não podem continuar a ignorar o declínio do peso da indústria no PIB.

## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

Figura 4

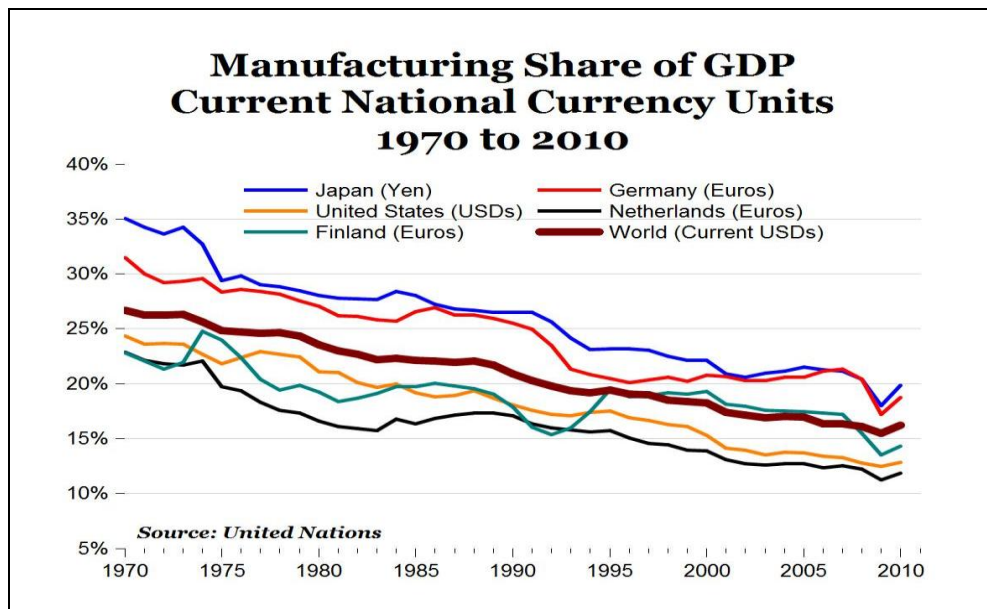
Peso da Indústria no PIB (1970-2010)



Fonte: Peso da Indústria no PIB (1970-2010, Banco Mundial)

Uma análise mais ampla mostra que a tendência é generalizada atingindo a maioria dos países mais desenvolvidos, como se pode verificar no gráfico abaixo.

Figura 5



Fonte : (Manufacturing's Declining Share of GDP is a Global Phenomenon, and It's Something to Celebrate, 2012, U.S. Chamber of Commerce Foundation)



## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

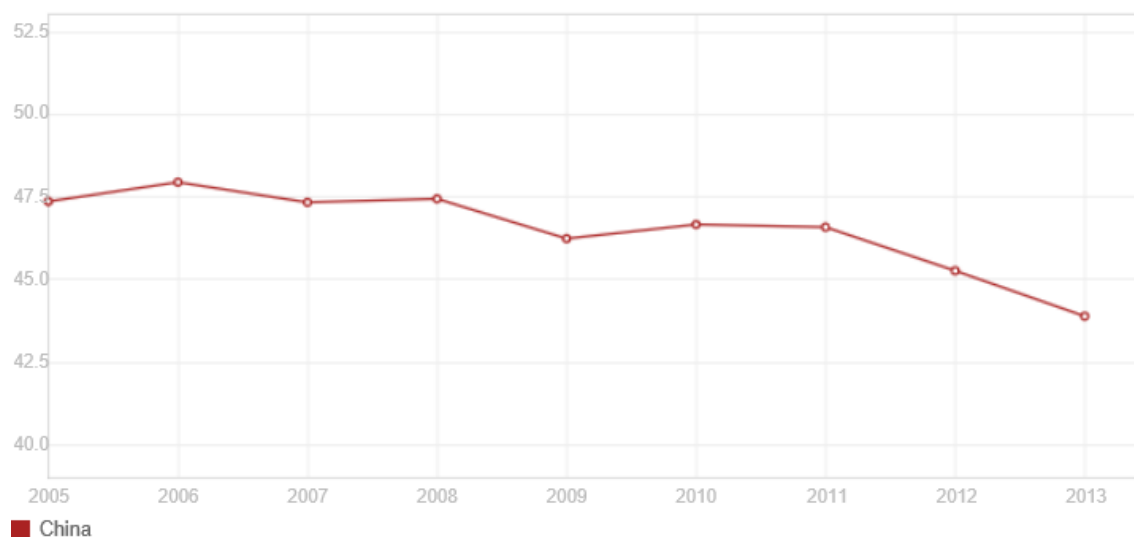
Enquanto no resto do mundo a tendência é para a indústria ter um menor impacto na economia a China um país fortemente industrializado, apresenta valores surpreendentes, embora a tendência de diminuição do impacto da indústria, indique que alguma coisa está a mudar

“Crédito barato e incentivos perversos – como a promoção de funcionários que contribuam mais para o crescimento do PIB – levaram a massivos e redundantes investimentos, que, por sua vez, conduziram a um excesso de capacidade na manufatura e nas infra-estruturas. Este modelo é não só ineficiente, como canaliza os recursos do Governo para apoiar o investimento, minando o desenvolvimento social chinês.” (negócios online, 2013)

De facto o tecido empresarial Chines e o enorme investimento na indústria realizado essencialmente por empresas governamentais provocou um crescimento do PIB. No entanto a procura doméstica não está ajustada a esse investimento, causando um excesso de capacidade e um decréscimo na evolução do PIB Chines.

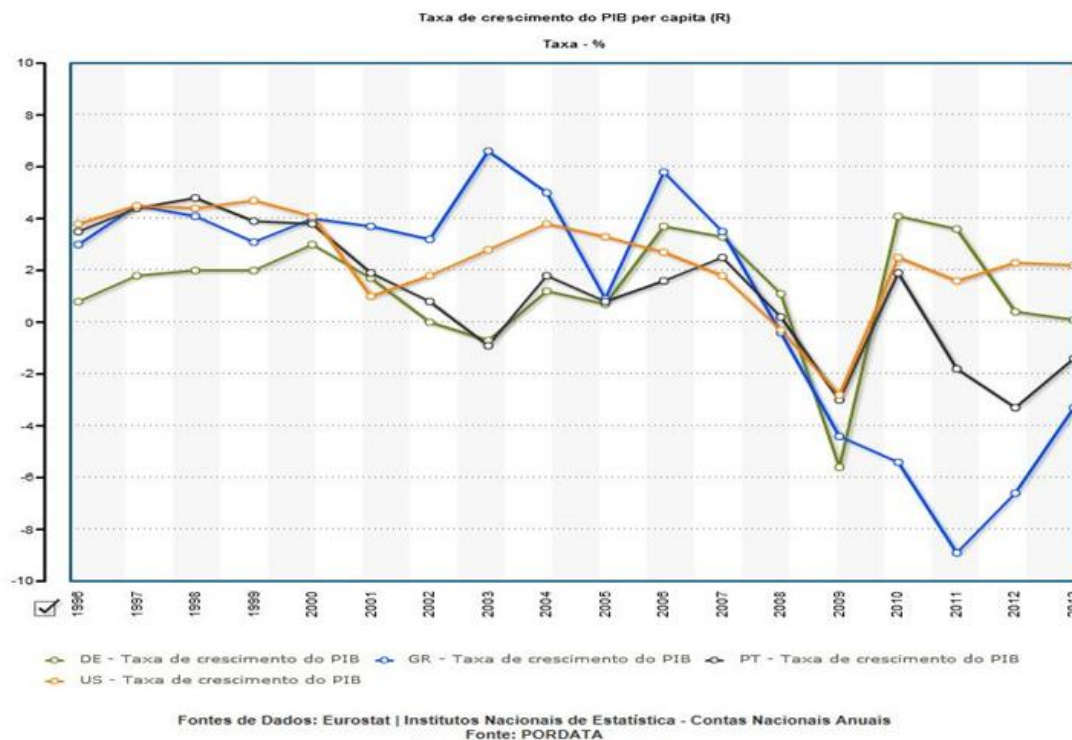
Figura 6

China Industry, value added (% of GDP)



## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

Figura 7



A figura 7 ilustra bem a relação entre o peso da indústria na economia e a taxa de crescimento PIB. Esta relação resume e é explicativa das figuras anteriores, ou seja, sempre que existe um decréscimo no peso da indústria na economia de um país, tem um reflexo negativo na taxa de crescimento do PIB desse mesmo país.

## Reacções à desindustrialização - Participação do Estado e do sector privado

Sinais recentes apontam para uma mudança de estratégia tanto a nível nacional como internacional. Os principais actores neste processo são sem dúvida o Estado, o sector privado, em especial os empresários e associações sectoriais.

O Estado, seguindo a corrente Europeia, aposta como estratégia e objectivo a reindustrialização do país, através de incentivos e políticas de simplificação ou desburocratização no processo de reindustrialização. A palavra de ordem da Comissão Europeia é revitalizar o sector industrial.

O Estado tem de ter um papel activo na promoção da reindustrialização, promovendo políticas concertadas e objectivas, facilitando sinergias entre os vários intervenientes no processo, deve

## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

promover a formação técnica de forma a aumentar a qualificação da mão-de-obra e assim contribuir para o aumento da competitividade e da produtividade.

Este esforço deve ser partilhado também pelas empresas, no esforço da resolução das barreiras internas à modernização e crescimento, são exemplo disso, a centralização da gestão, insuficiente capacidade organizativa, a dependência dos capitais alheios para financiar a actividade (constituição de empresas com escasso capital social e a distribuição de lucros em vez do reforço dos capitais próprios).

Também a criação de clusters, num âmbito sectorial, pode potenciar relações de proximidade, e cooperação entre os intervenientes, fortalecer o desenvolvimento e partilha dos resultados de investigação e desenvolvimento, e aplicar de forma mais eficiente os apoios públicos.

Figuras nacionais ligadas à política, ensino e indústria, manifestam o seu apoio a esta nova estratégia:

“Um plano de reindustrialização deverá integrar três grandes vertentes: condições que permitam o reforço do investimento empresarial nos sectores produtores de bens e serviços transaccionáveis; estímulo à competitividade e inovação; estratégia coerente de internacionalização da economia. Na primeira vertente, é prioritário ultrapassar a presente situação de escassez de financiamento e de baixos níveis de capitalização da generalidade das empresas. No domínio da fiscalidade, é necessário sinalizar a prioridade de promoção do investimento e de atracção de investimento estrangeiro. A CIP espera que a reforma no IRC não ponha em causa o reforço do Regime Fiscal de Apoio ao Investimento, incluindo uma componente de dedução de lucros retidos e reinvestidos. Relativamente à segunda vertente, a médio e longo prazo, as empresas terão de aumentar a produtividade, o que exige investimento e uma forte aposta na afirmação de marcas, no design, na inovação, na organização e na capacidade de gestão. Este esforço cabe, em primeiro lugar, às próprias empresas, mas só poderá concretizar-se num ambiente propício à actividade empresarial e se combatermos o nosso mais sério handicap: o atraso na qualificação dos recursos humanos, que refreia a produtividade. No curto prazo, a contenção de custos é incontornável. Não apenas os salariais, mas também outros custos que pesam sobre as empresas.” António Saraiva, Presidente da Confederação Empresarial de Portugal (CIP) Visões sobre a industrialização (jornal Público, 2013)

“Há que voltar a pensar de novo nas actividades produtivas, re-industrializando o país! Mas re-industrializar o país não significa voltar a modelos do passado, assentes na mão-de-obra barata, mas sim aderir ao modelo de economia do conhecimento, injectando conhecimento e engenheiros nas nossas empresas!” (Luis Mira Amaral, 2014)

## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

“Há países europeus em que o sentido de evolução acabado de referir não deu lugar a consequências tão penalizantes, e tão dramáticas. Souberam conviver com ele, adaptando-se melhor e tornando-se mesmo ganhadores. A Alemanha será o expoente desta postura bem sucedida. Continua a ter indústria, na certeza de que o termo não se aplica hoje às mesmas actividades a que se aplicava no passado: com a engenharia e o desenvolvimento de produtos a ocuparem o lugar dantes ocupado pelas velhas actividades meramente “transformadoras” ou “manufactureiras”. Se por indústria se entende isto mesmo, ou seja, uma atividade intensiva em conhecimento e em inovação, com um elevadíssimo conteúdo de serviços incorporados em produtos em que há muita matéria transformada, sim, eu também sou pela reindustrialização – mesmo continuando muito pouco preocupado em saber quem executa a fase de menor valor acrescentado em todo o processo, leia-se, a “transformação” da matéria propriamente dita, ou a sua “manufatura” Daniel Bessa, Director-geral da COTEC Portugal (Indústria, 2012)

## Políticas para a reindustrialização em Portugal

Criado pelo antigo ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira, o comité de sábios que criou para traçar o plano para a reindustrialização, do qual faziam parte António Saraiva, Augusto Mateus, Esmeralda Dourado, Luís Mira Amaral, Paulo Pereira da Silva, Francisco Veloso, Manuela Tavares de Sousa, Henrique Neto, Daniel Bessa, Álvaro Barreto, Abel Mateus, José Honório, Manuel Carlos e Filipe de Botton, deu início ao processo de discussão pública.

Em Dezembro de 2013, é aprovada em diário da república a “Estratégia de Fomento Industrial para o Crescimento e o Emprego 2014-2020”, onde um dos principais pressupostos é a reindustrialização, nomeadamente através da modernização, dinamização e diferenciação da indústria nacional, reforçando a sua competitividade e capacidade de diferenciação no mercado global e a revitalização do tecido produtivo como meio de chegar ao crescimento económico e de dinamizar as exportações, de modo a que estas passem dos 34% a 38% do PIB que tem caracterizado os últimos 20 anos para 50% em 2020.

A Estratégia estabelece como objectivos:

- Elevar o peso da indústria na economia portuguesa para 18%, em 2020;
- Aumentar a intensidade exportadora (actualmente em torno de 41%) para 45% em 2015 e 52% em 2020;
- Aumentar a taxa de emprego da população entre 20-64 anos, para 75% em 2020;
- Reforçar o investimento em I&D por forma a atingir 2,7% do PIB, em 2020.

## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

É também criado “Conselho para a Indústria”, que integra individualidades da sociedade nacional com um amplo conhecimento e experiência da indústria. Esta estrutura tem como objectivo acompanhar a implementação da Estratégia de Fomento Industrial para o Crescimento e o Emprego 2014-2020.

Fazem parte do Conselho da Indústria:

Filipe Botton, António Melo Pires, Esmeralda Dourado, Álvaro Barreto, Abel Mateus, António Cardoso Pinto, António Saraiva, Augusto Mateus, Daniel Bessa, Francisco Veloso, Henrique Neto, João Miranda, José Honório, José Manuel Fernandes, José Mirada, Luís Mira Amaral, Manuel Carlos, Manuela Tavares Sousa, Paulo Pereira da Silva, Pedro Reis e Peter Villax.

## Políticas para a reindustrialização em Portugal no contexto da EU

A política nacional converge com a política europeia, nomeadamente com a estratégia de crescimento da UE para a próxima década a “Europa 2020”.

A União Europeia reconhece que a saída da crise económica passa por reverter a tendência de desindustrialização, apoiando políticas de reindustrialização, na qual a indústria tem um papel preponderante na recuperação económica, num crescimento inteligente, e sustentável, que gere emprego e promova a coesão económica e social.

Segundo dados da Comissão Europeia, em 2012, a indústria representava cerca de 16% do PIB da EU, e era responsável por 80% das exportações, e 80% da investigação privada e inovação, 1 em cada 4 postos de trabalho do sector privado são na indústria.

Factores como a fraca procura interna, a rigidez dos processos regulamentares e administrativos, e de mercados de trabalho, o baixo investimento em I&D e inovação, aliados a preços de energia mais elevados para as empresas da EU, constrangimentos ao acesso a matérias-primas e mão-de-obra qualificada, dificultam o crescimento das empresas, em especial da PME's.

Para fazer face a este contexto adverso a Comissão Europeia, apresentou um conjunto de medidas a que chamou “Por um renascimento industrial europeu”, que em conjunto com os

A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

objectivos da estratégia da “Europa 2020”, pretendem retomar o crescimento económico, assente entre outros na reindustrialização da Europa.

Recentemente o vice presidente da Comissão Europeia afirmou:

*“Industry is at the heart of Europe and indispensable for finding solutions to the challenges of our society, today and in the future. Europe needs industry and industry needs Europe. We must tap into the full potential of the Single Market, its 500 million consumers and its 20 million entrepreneurs.”*

Fonte: Comissão Europeia

A inversão da desindustrialização está na ordem do dia não só da Europa, mas de todas as economias que apostaram nos baixos salários para deslocalizar a produção.

Um artigo da MIT Technology review, “Manufacturing in balance” aponta a estratégia de apostar em mão de obra barata em detrimento de investimento em equipamento e consequente deslocalização da produção, foi responsável pela perda nos EUA de 6 milhões de empregos na indústria, entre 2000 e 2010, tendo a China ultrapassado os EUA como o maior produtor mundial de bens manufacturados.

No mesmo artigo o CEO da GE Jeffrey Immelt, justifica o retorno da produção da China e da Coreia do Sul para os EUA, como consequência da necessidade de manter os designers perto da produção.

*“At a time when speed to market is everything, separating design and development from manufacturing didn’t make sense,” “Now, someone who has an idea for a dishwasher that has fewer parts and weighs less can actually try to build it. These designs won’t be so quick to end up in knockoff products built by GE’s suppliers, either. “Outsourcing based only on labor costs is yesterday’s model,”*

Fonte: Manufacturing in the Balance, Inexpensive labor has defined the last decade in manufacturing. The future may belong to technology. By Antonio Regalado on January 3, 2013

## Conclusões

Desde a entrada na União Europeia que a economia portuguesa tendencialmente incidia o investimento no sector terciário em detrimento da actividade dos sectores produtivos de bens transaccionáveis, alinhado com a adesão ao euro, e consequente perda da política cambial, a competitividade do país ficou em causa.

## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

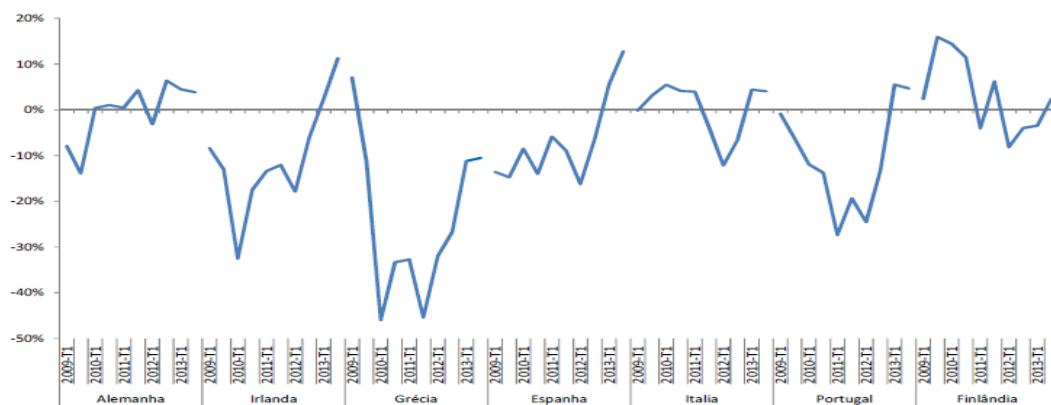
Com o surgimento da crise financeira em 2008, a economia portuguesa sofreu um impacto negativo com uma maior intensidade que em outras economias, também fruto do que acima foi mencionado, daí urge a reindustrialização da economia, de forma a fomentar o emprego, a internacionalização e exportações. É indiscutível que o crescimento económico passa pela reindustrialização.

O apoio do Estado e da Europa, através de medidas de apoio ao investimento, à desburocratização, à internacionalização, aliadas à criação de novas redes entre universidades, centros de investigação e empresas como meio criação e de transferência de conhecimento, são fundamentais para o sucesso da reindustrialização nacional. Este apoio não pode ser dissociado da conjuntura em que a indústria nacional opera, nomeadamente nas dificuldades de acesso às matérias-primas e ao financiamento.

Os Estados devem intervir de forma a orientar as políticas económicas, para que o acesso pelo sector produtivo em especial as PME's seja mais facilitado. Da observação das figuras abaixo podemos constatar que estas políticas começam a surtir efeitos.

Figura 8

Evolução das expectativas das PME's em função da disponibilidade de crédito bancário em alguns países



Fonte: Banco Central Europeu: "ECB - Statistical data Warehouse"

## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

Figura 9

### Crédito às empresas exportadoras

Empresas Exportadoras	Unid	dez-12	ago-13	dez-13	jut-14	ago-14
	M€	13.817	14.173	14.235	15,059	14,934
	VH, %	4,6	0,7	3,0	4,1	5,4

Fonte: BdP

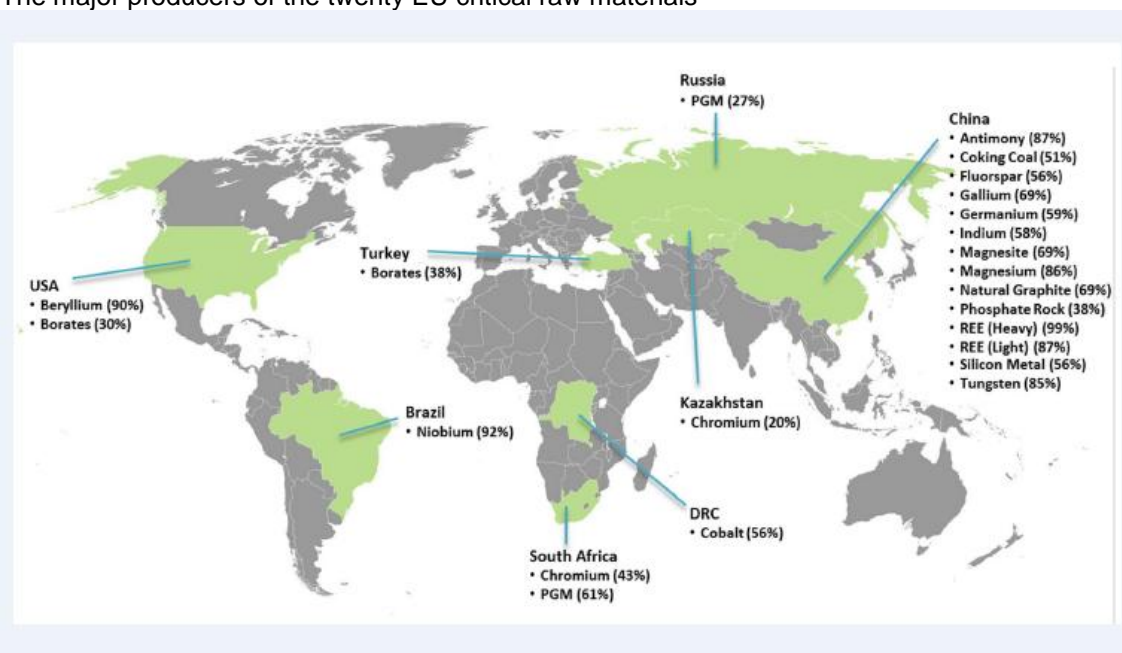
Fonte: Crescimento Económico e Financiamento da Economia Portuguesa, João Leão<sup>1</sup>, Ana Martins<sup>2</sup>, João Gonçalves, BMEP N.º 11|2014 – Em Análise

A questão do acesso às matérias-primas é de facto preponderante, dada a escassez face a uma crescente procura, conjugado com concentração da produção num número reduzido de países e do rápido crescimento dos países em desenvolvimento e de medidas proteccionistas. Veja-se o caso ao poder do quase monopólio da BHP Billiton, Vale e da Rio Tinto na extracção de minério de ferro.

A Comissão europeia identificou 20 matérias-primas como sendo críticas para a indústria europeia, como se pode verificar na figura abaixo, a concentração da produção dessas matérias em alguns países é preocupante.

Figura 10

The major producers of the twenty EU critical raw materials



Fonte: European Commission , Enterprise and Industry ,All topics Raw materials Critical raw materials



## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

O paradigma tem de mudar, a utilização da velha formula não é mais possível, a subsistência da indústria europeia tem de passar por um paradigma baseado em mão-de-obra qualificada, , no investimento em I&D+i, na criação de redes entre universidades, empresas, e infra-estruturas tecnológicas, de forma a fomentar a aplicabilidade teórica na criação de novos produtos e processos, na eco-eficiência e eco-design e assim progredir para um crescimento sustentável.

Enfrentar o problema do défice de mão-de-obra qualificada é também indispensável, torna-se necessário atrair os jovens para a indústria, proporcionar condições para aumentar o nível de qualificação dos jovens, aliado a uma melhoria das condições de trabalho, a todos os níveis incluindo claro está a remuneração.

O quadro síntese apresentado no pelo Eng. Luis Mira Amaral no Congresso Ordem dos Engenheiros intitulado a “A Reindustrialização No Sec XXI O Caso Português” no passado dia 17 de Outubro de 2014, demonstra com clareza as novas características necessárias para o novo modelo industrial:

Figura 11

	<b>Velho Modelo</b>	<b>Novo Modelo</b>
<b>CARACTERÍSTICAS GERAIS</b>		
<b>Mercados</b>	Estáveis	Dinâmicos
<b>Domínio de Competição</b>	Nacional	Regional/Global
<b>Forma Organizacional</b>	Hierárquica Burocrática	Integrada em rede
<b>Divisão Internacional do Trabalho</b>	Ocidente – trabalho qualificado com salários elevados  PVD – trabalho não qualificado e salários baixos	Países emergentes com qualificações elevadas e salários não elevados (China e Índia)

A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

	Velho Modelo	Novo Modelo
<b>INDUSTRIA</b>		
<b>Organização da Produção</b>	Em massa	Flexível
<b>Factores de crescimento</b>	Capital; Trabalho	Conhecimento; Inovação
<b>Tecnologia</b>	Mecanização	Digitalização
<b>Vantagem Competitiva</b>	Economias de Escala	Qualidade; Tempo de Entrega
<b>Relação com outras</b>	Isolamento	Alianças Estratégicas
<b>Investigação, Desenvolvimento e Inovação</b>	Baixa/ Moderada	Elevada
<b>Conceito</b>	Manufatura	<b>Também serviços a montante</b> (concepção, engenharia e desenvolvimento) <b>e a jusante</b> (circuito de distribuição e ligação ao cliente, serviços de manutenção, reparação e pós venda, gestão do binómio marca-produto)

	Velho Modelo	Novo Modelo
<b>GLOBALIZAÇÃO</b>		
<b>Bens</b>	Produtos transaccionáveis	Serviços não transaccionáveis passam a transaccionáveis  Ex: Projectos de engenharia, diagnósticos médicos, saúde, educação.
<b>Deslocalização</b>	Sectores e empresas	Segmentos da cadeia de valor
<b>MÃO DE OBRA</b>		
<b>Política/Objectivo</b>	Pleno Emprego	Salários e Rendimentos mais elevados
<b>Natureza do emprego</b>	Estável	Risco e Oportunidade  Empregabilidade

Fonte: "A reindustrialização no séc. XXI o caso português", Congresso Ordem dos Engenheiros, LUÍS MIRA AMARAL, 17 de Outubro de 2014.

O caminho para a retoma do crescimento passa sem dúvida pela reindustrialização, mas não podemos cair nos mesmos erros do passado.

## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

“A União europeia devia fazer com as suas estratégias (de Lisboa e a de 2020) o que ensina a famosa analogia “da dança na chuva”: O objectivo é dançar (aplicar a estratégia) mas se, repentinamente, começar a chover (se houver uma crise económica), nós continuamos a dançar (seguimos a estratégia) como se nada fosse.”

Fonte: Recuperação Económica e Coesão Social, Artigos Wikipédia, 21 Apr 2011

## Bibliografia

- Augusto Mateus & Associados, “indústria portuguesa : situação actual e evolução recente,” 2010.
- B. N. Explicativa, “Balço Social,” vol. d, pp. 1–6, 2012.
- Banco de Portugal, Boletim Estatístico – dezembro 2014, Banco de Portugal
- Comissão Europeia - Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões - Por um renascimento industrial europeu Bruxelas, 2014
- Daniel Bessa - Reindustrializar? . Indústria Revista de Empresários e Negócios, N.º 93 (2012). p.28
- E. Commission, “A Stronger European Industry for Growth and Economic Recovery,” 2012.
- E. Commission, “Communication From the Commission to the European Parliament, The Council, The European Economic and Social Committee and The Committee of the Regions an Integrated Industrial Policy for the Globalisation Era Putting Competitiveness and Sustainability at Centre Stage,” p. 33, 2010.
- E. Commission, “Report on critical raw materials for the EU, Report of the Ad hoc Working Group on defining critical raw materials,” no. May, p. 41, 2014.
- F. Tregenna, “Working Paper No . 2011 / 57 Manufacturing Productivity, Deindustrialization, and Reindustrialization Fiona Tregenna \*,” 2011.
- Fernando Marques e Pedro Lynce - Indústria e Política Industrial em Portugal, sectores no âmbito da Fiequimetal. 2011, CGTP-IN, 2011
- INE, “Anuário Estatístico de Portugal 2010 ( Ano de Edição 2011 ) Anuário Estatístico,” vol. 2010, p. 18, 2012.
- Intervenção do presidente da AEP - associação empresarial de Portugal, José António Ferreira de Barros no IDN - instituto da defesa nacional , sob o tema « situação e perspectivas da indústria portuguesa », na delegação do porto do IDN , no dia 10 de fevereiro de 2014,” pp. 1–11, 2014.
- INE, Evolução do Setor Empresarial em Portugal - ANALISE DE DADOS. 2012, pp. 1–20.
- J. Leão, A. Martins, and J. Gonçalves, “Crescimento Económico e Financiamento da Economia Portuguesa,” pp. 55–69, 2014.
- J. L. C. Das Neves, “O crescimento económico português no pós-guerra: um quadro global,” *Análise Soc.*, vol. 29, no. 128, pp. 1005–1034, 1994.
- L. M. Amaral, “A Reindustrialização no séc. XXI os Bens Transaccionáveis - o Caso Português,” pp. 1–40, 2014.

## A reindustrialização de Portugal num contexto de crise e hegemonia industrial dos países emergentes

L. M. Amaral, A Reindustrialização no Sec. XXI o Caso Português, Congresso Ordem dos Engenheiros, 17 de Outubro de 2014.

L. M. Amaral, A Reindustrialização no Sec XXI e os Bens Transaccionáveis - O Caso Português", Congresso Ordem dos Engenheiros, 15 de Abril de 2014

Luís Mira Amaral - Clusters e Política Industrial - O caso português, Seminário sobre Clusters / CCDRLVT 7 de Janeiro de 2015,

M. M. F. Martins and Á. Aguiar, "O Crescimento da Produtividade da Indústria Portuguesa no Século XX," no. 351, pp. 1–53, 2004.

Mark J. Perry - Manufacturing's Declining Share of GDP is a Global Phenomenon, and It's Something to Celebrate, U.S. Chamber of Commerce Foundation, [Consult. 14 Jan. 2015] Disponível

Antonio Regalado, "Manufacturing in balance" Inexpensive labor has defined the last decade in manufacturing. The future may belong to technology. MIT Technology review January 3, 2013

Nathália Kriek - Países Industrializados Subdesenvolvidos: PBworks, Inc. [Consult. 14 Jan. 2015] Disponível em : <http://wikigeo.pbworks.com/w/page/36435087/Industrializa%C3%A7%C3%A3o%20em%20pa%C3%ADses%20Desenvolvidos%20e%20em%20pa%C3%ADses%20Subdesenvolvidos>

P. Mengoli and R. Emilia, "Innovation in education and re - industrialisation in Europe," pp. 1–13, 2014.

PT, "Resolução do Conselho de Ministros n.º 91/2013 Estratégia de Fomento Industrial para o Crescimento e o Emprego 2014-2020," pp. 6868–6913, 2013.

Público Comunicação Social SA - Visões sobre a industrialização, [Consult. 12 Jan. 2015], disponível em <http://www.publico.pt/economia/visoes-sobre-a-industrializacao>

PwC Portugal - Principais desafios da indústria em Portugal – 2013: Uma abordagem coerente para a dinamização do sector, (2013).

Relatório final Estudo de opinião sobre reindustrialização, economia verde, uso sustentável de recursos e educação sobre o mar," 2014.

T. Industrial, M. A. Administrador, and S. Portuguesa, "Clusters e Política Industrial o caso português," 2015.

World Bank Group, Industry, value added (% of GDP), [Consult. 03 Jan. 2015], disponível em <http://data.worldbank.org/indicator/NV.IND.TOTL.ZS/countries?display=default>